

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**

**COLETIVOS ESTUDANTIS FEMINISTAS E INTERNET  
JULIA EVELYN ALMEIDA SANTOS**

**VIÇOSA – MINAS GERAIS**

**2021**

**JULIA EVELYN ALMEIDA SANTOS**

**COLETIVOS ESTUDANTIS FEMINISTAS E INTERNET**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais.

Orientadora: Dra. Rayza Sarmiento – DCS/UFV

**VIÇOSA – MG**

**2021**

**JULIA EVELYN ALMEIDA SANTOS**

**COLETIVOS ESTUDANTIS FEMINISTAS E INTERNET**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Ciências Sociais.

Orientadora: Dra. Rayza Sarmiento – DCS/UFV

---

**Avaliador 1 – Fabrício Roberto C. Oliveira**  
**(DCS/UFV)**

---

**Avaliadora 2 – Gabrielle dos Santos Marques**  
**(Doutoranda em Ciência Política/UFMG)**

---

**Prof. Dra. Rayza Sarmiento - Orientadora**  
**(DCS/UFV)**

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de começar agradecendo em memória de meu pai que me ensinou muito sobre a vida. Você faz falta todos os dias.

Agradeço imensamente a minha mãe, não existem palavras para descrever tudo que a senhora luta por mim. Obrigada por sempre me apoiar.

Ao meu irmão Ewerton.

Obrigada Tia Kely por sempre me estimular a buscar coisas novas. Tio Zelo e Tia Nádia pelas idas em Viçosa. Tia Rosa por todo seu carinho. Obrigada Sabrina, Milena e Átally por sempre estarem comigo. Também agradeço por me ensinar um pouco desse mundo da universidade, Milena.

Às minhas avós, Efigênia e Auta, por serem a base de tudo.

Obrigada todos meus amigos que me acompanharam nesses anos de graduação, aos colegas de turma e em especial as amigas estagiárias Karol, Luciana, Gianini, Ingrid, Ludy e querido Pio.

Aos meus amigos que apesar da distância permaneceram presentes. Mateus, Isadora, Laura, Alice, Ana Flávia, Ana Clara, Esther, Isabella e Taynara. Estou sempre com vocês.

Obrigada Cavallere pelo seu jeitinho de ser comigo. Adoro trocar ideias e experiências com você.

Obrigada Ingrid por estar presente em toda minha graduação, por compartilharmos essa experiência juntas, sempre apoiando uma a outra. Obrigada Gianini por ser minha companheira de TCC e por toda parceria nesses anos.

Obrigada Thaís e Camila por serem companheiras de Viçosa.

Tantos outros que passaram por esse tempo em Viçosa.

Por fim, um agradecimento especial aos professores que foram a base da minha caminhada na graduação, por todos ensinamentos e por terem me feito gostar tanto das Ciências Sociais. Sou imensamente grata a minha professora e orientadora Rayza Sarmiento, é uma honra poder ter feito parte dessa pesquisa e ter sido orientada por você. Você é uma inspiração! Obrigada GCODES por todos aprendizados compartilhados, CNPq e UFV.

Não viverei em vão, se puder  
Salvar de partir-se um coração,  
Se eu puder aliviar uma vida  
Sofrida, ou abrandar uma dor,  
Ou ajudar exangue passarinho  
A subir de novo ao ninho —  
Não viverei em vão.  
– Emily Dickinson

## RESUMO

Essa pesquisa buscou compreender os usos da internet por mulheres jovens feministas e suas formas de ação e organização a partir das reconfigurações dos campos de ação feministas. A abordagem metodológica da pesquisa é qualitativa e foram realizadas entrevistas semiestruturadas com integrantes de coletivos feministas que possuem páginas no Instagram, totalizando 30 entrevistadas de nove coletivos de quatro regiões do país. O foco da análise foram mulheres feministas jovens estudantes, do ensino médio à graduação, com as quais foram investigados os processos de descobertas feministas, as formas de organização enquanto coletivos e as possibilidades de apropriação das tecnologias digitais para os campos feministas. A questão geracional é um importante marcador para compreensão da reconfiguração dos feminismos contemporâneos, dado as novas perspectivas, maneiras de atuação e formas de contribuição para a manutenção dos ativismos feministas. O próprio formato de organização dessas jovens por meio de coletivos representa sobre suas perspectivas políticas de luta. A partir da análise das entrevistas entende-se o assédio enquanto motivação para criação dos coletivos nestes espaços estudantis. Quanto à organização coletiva nas escolas e universidades são formadas redes de apoio que favorecem um ambiente de trocas, descobertas e acolhimento entre essas jovens que constroem uma rede de solidariedade pelo afeto e pela luta compartilhada. Os usos da internet atravessam a entrada e permanência dessas jovens nos ativismos feministas. Suas trajetórias são marcadas pelo acesso às tecnologias digitais, o qual contribui para suas descobertas feministas e para sua expressividade ativista, sendo iniciado e/ou mantido com auxílio da internet. Os meios digitais trazem contribuições para suas atuações dado a abertura facilitada das redes sociais, por consistir em um espaço interativo que favorece trocas discursivas. Essa pesquisa compreendeu a potencialidade da internet enquanto ferramenta que atravessa as descobertas e participações de feministas entendendo as contribuições desse espaço no processo das atuações ativistas contemporâneas.

**Palavras-chave:** Coletivos; Feminismos; Internet.

## ABSTRACT

This research sought to understand the uses of the internet by young feminist women and their forms of action and organization based on the reconfiguration of feminist fields of action. The methodological approach of the research is qualitative, in which semi-structured interviews were carried out with members of feminist collectives who have Instagram accounts, in which 30 of the interviewed belong to nine collectives in four regions of the country. The focus of the analysis is young female feminist students, from high school to undergraduate, with whom they have investigated their processes of feminist discoveries, their forms of organization as collective activists, their establishments within different approaches to feminism and the possibilities of appropriating digital technologies for the field's feminists. The generational issue is an important marker to understanding the reconfiguration of contemporary feminisms, given the new perspectives, ways of acting and ways of contributing to the maintenance of feminist activisms. The very format of these young women's organization through collectives represents their political perspectives of struggle. From the analysis of the interviews, harassment is understood as a motivation for creating collectives in these student spaces. As for the collective organization in schools and universities, support networks are formed in order to instigate exchanging environments, discoveries and welcoming receptions among these young people, who build a network of solidarity through affection and shared struggle. The uses of the internet affects the entry and the permanence of these young women in feminist activisms. Their trajectories are marked by their access to digital technologies, which contributes to their feminist discoveries and their activist expressiveness, being initiated and/or maintained with the help of the internet. Digital media brings contributions to their performances, given the facilitated opening of social networks, as they consist of an interactive space that favors discursive exchanges. This research understood the potential of the internet as a tool that crosses the discoveries and participations of feminists, understanding the contributions of this space in the process of contemporary activist actions.

**Key-words:** Collectives; Feminisms; Internet.

## **LISTA DE FIGURAS**

**Quadro 1 – Relação Coletivo, Cidade/Estado e Região. ....19**

**Figura 1 - Mapa gerado pelo software QGIS referente às localizações dos coletivos entrevistados. ....20**



## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. DAS ORGANIZAÇÕES TRADICIONAIS AOS COLETIVOS FEMINISTAS .....</b>	<b>13</b>
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>18</b>
<b>4. ANÁLISE .....</b>	<b>23</b>
<b>4.1. RECONHECIMENTO COMO FEMINISTA E AUTOCRÍTICA.....</b>	<b>24</b>
<b>4.2. MOMENTO FUNDACIONAL .....</b>	<b>27</b>
<b>4.3. ATUAÇÃO DOS COLETIVOS .....</b>	<b>30</b>
<b>4.4. INTERNET E RECONFIGURAÇÃO DO CAMPO.....</b>	<b>33</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Essa escrita carrega experiências pessoais próprias, sobre meu processo de descobertas feministas e de afirmação enquanto uma feminista jovem estudante, diretamente ligados ao ambiente online da internet proposto como espaço de análise nesta pesquisa.

Meu processo de descoberta feminista veio de um julgamento (de forma pejorativa) de outrem sobre minhas atitudes, tachadas enquanto “feministas”. A partir do contato com o termo, a primeira coisa que busquei fazer foi pesquisar na internet sobre o que era ser feminista para entender do que se tratava aquilo que estava sendo chamada. Lendo superficialmente em sites não compreendi o julgamento, visto que me parecia claro a boa intenção do ser feminista. Naquele momento eu ainda não entendia a proporção de tal declaração e história da luta das mulheres, que fui compreender ao longo dos anos enquanto estudante.

Falo como uma feminista que conheceu e se identificou com o movimento por meio da internet. Apesar de perceber ao longo da minha trajetória de vida que as coisas eram diferentes (injustas) para as mulheres, ainda não sabia que existiam pessoas que de fato lutavam contra isso e que havia um nome para isso. A partir do momento que as mulheres compreendem a existência das diferenças (desigualdades) de gênero, passamos a ressignificar anos de vivências e experiências em um corpo sexualizado.

Um pensar situado é inevitavelmente um pensar feminista. Porque se algo nos ensinou a história das rebeldias, de suas conquistas e fracassos, é que a potência do pensamento *sempre* tem corpo. E nesse corpo se congregam experiências, expectativas, recursos, trajetórias e memórias. (Gago, 2020, p.12)

Na medida em que o termo foi se popularizando e fui conhecendo páginas que falavam sobre o assunto, me interessei mais sobre o tema e a luta. É inegável o poder que a internet tem hoje de difundir sobre muitos debates. A partir da popularização de discursos o impacto sobre as movimentações sociais é crescente. A internet passa a auxiliar neste processo, tanto para o entendimento individual de sujeitos sociais quanto de compartilhamento de informações e identificações coletivas.

Esse presente trabalho se iniciou com a oportunidade de participação de uma iniciação científica, com bolsa PIBIC CNPq, cujo objeto de pesquisa se encontrou com as minhas experiências pessoais: analisar a forma de “chegada” ao feminismo por jovens participantes de coletivos. Essa discussão se liga à observação de que os campos feministas (Alvarez, 2014)

passam por alterações ao longo do tempo por meio de processos que buscam renovar os feminismos através de disputas práticas e discursivas. Dentre muitas possibilidades de organizações, contemporaneamente jovens feministas têm se organizado por meio de coletivos. Essa forma de organização integra diversos ativismos e sua atuação é atravessada pelas redes sociais e presença nas universidades (Perez e Filho, 2017), mantendo a luta participativa e baseada em trocas e solidariedade. Ainda no cenário contemporâneo, as redes sociais passam a ser um ambiente importante para se pensar as atuações ativistas. A partir das novas possibilidades digitais, essa pesquisa busca analisar essa nova forma de ativismo contemporâneo, procurando entender como a internet auxilia nos processos de descobertas feministas dessas jovens e como as redes sociais são apropriadas em suas atuações enquanto coletivos feministas. A internet passa a ser uma ferramenta para essa atuação, visto as possibilidades abrangentes de fortalecer o movimento.

A agenda de gênero sempre foi alvo de ataques e com a presença de uma agenda neoliberal isso se intensificou. A juventude feminista tem se organizado em resistência. Suas formas de atuação são atreladas aos usos da internet como um espaço de luta e trocas. Passam a pensar as redes digitais como ambiente de trocas para agir coletivamente. Uma característica dessa geração é a alta participação nas redes sociais, fazendo com que seja necessário repensar estratégias políticas dos campos feministas através de um novo panorama de ação.

[...] sustento que esses espaços discursivos, em si mesmos, constituem formações nitidamente políticas nas quais a cidadania é construída e exercida, os direitos são imaginados, e não só demandados, as identidades e necessidades são forjadas e os poderes e os princípios são negociados e disputados. (Alvarez, 2014, p.19)

Essa pesquisa busca apresentar a influência das apropriações da internet através de uma análise qualitativa das entrevistas realizadas, visando o entendimento de coletividade e a influência da internet nos processos de descoberta e mobilização dessas jovens feministas. Foram mobilizadas teorias feministas, dos ativismos contemporâneos, juventudes e da internet. O trabalho é constituído por entrevistas com jovens ativistas. As novas dinâmicas das redes digitais e dos feminismos contemporâneos sugerem novas aberturas para se pensar formas de luta e resistência dado todo contexto político em que se encontra.

Toda a pesquisa foi realizada em meio a pandemia de covid-19, a partir de meados de 2020, o que pessoalmente também colaborou para retomada das minhas atividades acadêmicas, no momento em que a universidade continuava sem aulas.

Devido a pandemia, a pesquisa encontrou algumas limitações, mas o ponto positivo de se estudar a internet foi a possibilidade de se manter a coleta e análise de dados, visto que o ambiente de análise foi o online (páginas da rede social Instagram). Em função do público alvo das entrevistas serem estudantes que utilizam o Instagram enquanto meio de comunicação dos coletivos aos quais pertencem, o contato online com as entrevistadas ocorreu de forma satisfatória, e também permitiu contato com pessoas de outras regiões do país.

O trabalho se divide em uma revisão de literatura, com discussões sobre feminismos, coletivos e internet; em seguida é apresentada a metodologia que foi utilizada para realização da pesquisa e, por fim, a análise das entrevistas. A análise se divide em quatro partes: momento fundacional da organização, atuação dos coletivos, reconhecimento e autocrítica feminista e o lugar da internet no processo de reconfiguração dos campos feministas.

Assim, essa monografia se volta para o processo de coletivização, os usos das tecnologias digitais, reconhecimento pessoal e com o outro.

Ubuntu – Eu sou porque nós somos. (Filosofia Ubuntu)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Termo da Filosofia Ubuntu, referindo a própria existência conectada ao outro.

## 2. DAS ORGANIZAÇÕES TRADICIONAIS AOS COLETIVOS FEMINISTAS

As lutas feministas ao longo da história foram interpretadas por diferentes marcadores conceituais e geralmente são analisadas por meio das “ondas” feministas. Alvarez (2014) propõe a utilização do termo “campos discursivos de ação” para compreender essa atuação. Esses campos discursivos de ação feministas são marcados por diferentes contextos de organização, formação política e também de disputas (Alvarez, 2014). De acordo com a autora, ao estudar essas articulações, entende-se que

Os campos discursivos de ação são muito mais do que meros aglomerados de organizações voltadas para uma determinada problemática; eles abarcam uma vasta gama de atoras/es individuais e coletivos e de lugares sociais, culturais, e políticos. (Alvarez, 2014, p.18)

A proposta de se pensar os feminismos na perspectiva de campos discursivos (e não ondas) busca repensar as dinâmicas feministas no Brasil e na América Latina (Alvarez, 2014). Essa forma de interpretação busca compreender as transformações dos feminismos contemporâneos. Os campos discursivos feministas colaboram para a compreensão do ativismo de maneira mais plural, considerando diferentes momentos, atrizes e pautas que circulam nos debates feministas (Alvarez, 2014).

Em efeito, o poder, os conflitos, as lutas interpretativas, as disputas político-culturais também são elementos constitutivos do campo feminista. Como é o caso em todas as formações políticas, os campos discursivos de ação movimentistas estão sempre minados por desigualdades e relações desiguais de poder. (Alvarez, 2014, p.19)

Após as lutas por sufrágio, Alvarez (2014) traça três momentos mais contemporâneos das trajetórias feministas no sul das Américas: o primeiro momento com o centramento do campo e a configuração do “feminismo no singular”, o segundo momento com o descentramento e a pluralização dos feminismos e o “mainstreaming” do gênero e o terceiro momento com o “sidestreaming”<sup>2</sup> dos feminismos plurais e a multiplicação de campos feministas.

O primeiro momento, anos de 1960 e 1970, é marcado por um feminismo singular, hegemônico, com uma luta específica, focada na autonomia feminista, reivindicando o fim da subordinação da mulher e da ditadura militar. Essa geração trouxe o debate político com o olhar para a esfera privada. No segundo momento, anos 1980 e 1990, o campo feminista transformou-se de um feminismo singular para um campo plural, descentralizado,

---

<sup>2</sup> O termo “mainstreaming” é utilizado por Alvarez (2014) como fluxos verticais e “sidestreaming” como fluxos horizontais.

os debates de gênero tornam-se “mainstreaming” – momento marcado pelo avanço neoliberal – em instituições políticas (como a ONU), trazendo mais visibilidade aos feminismos diversos e também com mais disputas no próprio campo. O terceiro momento, a partir dos anos 2000, é marcado pela multiplicidade dos campos feministas, com o feminismo pluralizado, com o surgimento de novos feminismos e novas atrizes e formas de atuação. Essa nova geração é marcada pela agregação de múltiplas pautas, com discursos plurais e também conflitos. Nessa multiplicação de atuação feminista, os usos da internet são importantes, dado as novas possibilidades de atuação e especialmente de popularização (Alvarez, 2014).

A atuação feminista contemporânea é marcada pelos usos da internet enquanto espaço de ação e reflexão (Ferreira, 2015). As plataformas digitais têm sido incorporadas por movimentos sociais, como é o caso dos feminismos, para a difusão de pautas e reivindicações e possibilita novas estratégias e formas de atuação do movimento (Martinez, 2019), através de uma apropriação do espaço tecnológico (Natansohn e Paz, 2019).

Os usos da internet por feministas jovens são marcados por práticas plurais e que permite ampliação nos debates sobre campos discursivos de ação dos feminismos. O próprio fato de essas jovens estarem se considerando feministas e engajando com o movimento traz embates com o tradicional campo feminista, visto que há um “adultocentrismo” (Sarmiento, 2021) que marca grande parte do desenvolvimento do movimento.

Essa participação jovem traz tensões interessantes para o campo, a partir da inclusão de múltiplas vozes, pautas, principalmente geracional, na qual é marcada por uma lógica descentralizada das redes (Sarmiento, 2021), com participações que se pretendem mais horizontalizadas, rápida difusão de informação, construção de identidade e de laços de solidariedade, organizações diversificadas e ampla visibilidade do debate.

É importante também pensar na formação vinda da internet a partir desses novos usos. Jovens têm se engajado cada vez mais cedo em lutas feministas, o que está relacionado ao acesso facilitado por meio das tecnologias digitais, tanto pela familiaridade já existente por este público com as redes quanto pelo aumento expressivo de debates feministas na internet (Martinez, 2019). Isso está diretamente ligado às novas estratégias e formas de construção do conhecimento feminista (Martinez, 2019), de forma mais fluida e multivariada, no qual

tem chamado a atenção de jovens e constituído muitas vezes a própria formação de uma consciência feminista ou o aprofundamento facilitado por estes meios.

De acordo com Martinez (2019, p.7), a popularização das tecnologias “renovou o debate feminista”. As jovens que se engajam também a partir das redes tensionam as relações de poder dentro do próprio movimento feminista (Sarmiento, 2021), colocando a importância de serem consideradas como interlocutoras. Nessa ampliação do campo feminista tornam-se ainda mais fortes a necessidade de observação interseccional sobre raça, classe, geração, sexualidade, entre outras tantas dimensões, inseparáveis para se pensar as relações de desigualdade de gênero.

As chamadas “feministas jovens”, então, são de fato atoras extremadamente heterogêneas, abarcando todas as pluralidades, contradições e conflitos que caracterizam o campo feminista mais amplo. Se o segundo momento desse campo foi marcado pela pluralização [...] expressões feministas que se desenvolveram para além das intersecções ganham cada vez maior visibilidade nos interstícios dos feminismos descentrados dos anos 1990. Contudo, hoje vemos não só uma proliferação geométrica de atoras/es que se identificam com o campo feminista e nele disputam espaço e poder; também testemunhamos processos de descentramento no interior desses feminismos plurais. (Alvarez, 2014, p.41)

O feminismo jovem não rompe com o movimento feminista tradicional, mas sim com a invisibilização de pautas (Rios, 2018), trazendo como uma de suas características a inclusão de novas demandas.

(...) são jovens universitárias que integram o primeiro grupo de estudantes cotistas; são oriundas de vários territórios periféricos ou suburbanos do país; procuram demarcar seu espaço junto ao ativismo de mulheres negras e, conseqüentemente, obter reconhecimento ocupando lugares estratégicos em ambientes como o governamental e o acadêmico. (Rios, 2018, p.6)

A utilização da internet por meio do ativismo feminista vem como uma contracultura que se apropria desse espaço para a busca da autonomia coletiva (Natansohn e Paz, 2019). Nesse sentido, é importante não recair em uma análise ingênua e considerar que a internet é também um espaço de violências, assédio, ameaças, roubos de dados, publicações de fotos e vídeos sem consentimento, além da vigilância constante pelas corporações e pelo Estado. Ao mesmo tempo em que ela possibilita maior visibilidade, é preciso atentar aos discursos que aproveitam de mecanismos de dominação para desqualificar grupos sociais (Panke, 2017; Natansohn e Paz, 2019). Sendo assim, a internet não é um espaço de total liberdade, mas que traz a possibilidade de seu uso para o enfrentamento de diversas opressões. Pode-se pensá-la também como um local com grande potencial de interação, tal

como fazem as jovens mulheres ativistas para se expressar, reunir e debater questões de gênero.

Sobre esses novos usos, um grande marco do ativismo online que possibilita compreender o alcance da internet para pautas feministas, há alguns anos, foi a “Marcha das Vadias”. Essa marcha se iniciou com o Movimento *Slutwalk* no Canadá em 2011 em que jovens universitárias se juntaram protestando contra a declaração<sup>3</sup> de um policial sobre estupros recorrentes no campus universitário de Toronto (Velo, 2016). Esses protestos ganharam visibilidade mundial e mulheres de diversos países se reuniram virtualmente para se mobilizarem nas ruas, como foi o caso da Marcha das Vadias no Brasil. Isso foi possível pela apropriação tecnológica (Natansohn e Paz, 2019) que as mulheres fizeram das redes como forma de denunciar e mediatizar acontecimentos de violências sexuais abafados da esfera pública. Esse acontecimento se tornou um marco pela rápida circulação, o qual foi capaz de levar milhares de mulheres às ruas para protestarem. Essa movimentação sugere também repensar a dicotomia entre virtual e real, dado que essas violências ocorrem no espaço público presencial, ocasionando debates através da internet e retornando aos espaços físicos para resistência e enfrentamento.

Os problemas que assim emergem permitem refletir sobre os padrões de organização e atuação dos movimentos estabelecidos a partir dos anos 1970, mas também sobre o ativismo contemporâneo ou os novos feminismos que emergem no ambiente de trocas e difusão de informações e ideias propiciado pela internet. (Biroli, 2018b, p.200)

As formas organizacionais tradicionais dos movimentos sociais em um modelo engessado de representação têm tido dificuldade de cativar as novas gerações jovens (Perez e Filho, 2017). Dessa forma, alguns movimentos que buscam novas formas de mobilização não institucionais que atendam essa nova geração têm partido para a criação de coletivos, como é o caso de organizações feministas. Através de mídias sociais, como o Instagram, essa forma de mobilização se torna mais atrativa para jovens ativistas, por ser um espaço fluido e de amplas possibilidades de discussões, capaz de potencializar reivindicações e contribuir para processos de reconhecimento (Perez e Filho, 2017).

Esse formato de mobilização de movimentos sociais enquanto coletivos têm sua origem ligada às universidades no desenvolvimento de atividades (Perez e Filho, 2017) e também são marcados por expansiva atuação nas redes sociais. O ativismo de coletivos tem

---

<sup>3</sup> Nesta declaração o policial responsabilizava as mulheres pelas violências que estavam sofrendo (Velo, 2016).



caráter participativo dos sujeitos, com uma pretensa organização horizontal e rotativa que se distancia de formas institucionalistas e parte de uma auto-organização.

Essa nova forma de organização é facilitada pelas redes sociais por possuírem características interativas que contribuem para as trocas coletivas no espaço online. Outro fator característico dos coletivos é em relação aos porta-vozes de reivindicações do movimento serem os próprios agentes que demandam (Perez e Filho, 2017). De forma similar ao que vemos no Brasil, pesquisas documentam também essa articulação em outros países latinos, como o México, em que jovens que reivindicam a politização destes ambientes estudantis e buscam confrontar suas lógicas através de denúncias de violência presente nas instituições de ensino (Cerna, 2020).

É preciso também ressaltar o contexto em que essas movimentações estão ocorrendo. Os processos de coletivização dos feminismos fazem parte de um processo geral observado na América Latina (Gago, 2020). Gago (2020) apresenta a potência dessas articulações com ideais anti-fascistas e anti-neoliberais. Os coletivos e atuação pulsante na internet convivem com ataques à agenda feminista, a partir de uma ideologia conservadora, que alinha interesses religiosos à diferentes práticas governamentais (Biroli, 2018b).

A seguir, serão apresentados apontamentos dos dados coletados através das entrevistas dos coletivos, os quais foram interpretados com base no referencial teórico, fundamentando nas teorias apresentadas acerca dos feminismos, coletivos e internet.

### 3. METODOLOGIA

A seguinte pesquisa reúne análise de resultados encontrados na iniciação científica sob orientação da professora Rayza Sarmiento no PIBIC-CNPq (2020-2021). A pesquisa foi realizada através de análise qualitativa na qual buscou compreender as novas dinâmicas dos ativismos feministas jovens por meio da organização coletiva. Sujeitos e culturas estão sempre perspectivados e a pesquisa qualitativa apropria-se de ferramentas para esclarecer essas estruturas dos sentidos humanos e sua complexidade (Macedo et al, 2009).

A abordagem qualitativa na pesquisa busca compreender significados das ações humanas, entendidas como intencionais e reflexivas (Fraser, 2004). Estes significados extraídos de atores sociais permite analisar fenômenos da vida social como Fraser (2004) apresenta:

A tradição idiográfica, em contrapartida, defende o ponto de vista de que as ciências sociais têm como objetivo central a compreensão da realidade humana vivida socialmente. O essencial não é quantificar e mensurar e sim captar os significados. O que se busca não é explicar a relação antecedente e conseqüente (nexos causais) e sim compreender uma realidade particular na sua complexidade (influência mútua dos atores sociais na construção de sua realidade). (Fraser, 2004, p.106)

O primeiro passo foi reunir um banco de coleta dos coletivos feministas. Foram coletados inicialmente 54 coletivos feministas com páginas no Instagram. Tal rede social foi escolhida em função do aumento crescente de usuários no Brasil, especialmente por pessoas jovens. A partir desse banco os coletivos foram categorizados e distribuídos entre coletivos estudantis e não estudantis, momento em que percebemos grande número de páginas associadas a instituições de ensino. Foi realizado um recorte para realização de entrevistas direcionadas aos coletivos estudantis (25 casos), justificado pelo grande número encontrado e considerando a alta taxa de participação jovem nestes espaços, seguindo o foco geracional da pesquisa.

Foram realizadas nove entrevistas com coletivos feministas estudantis que possuem página no Instagram, a partir de contato-convite por meio de tal rede social. Ao todo foram 30 entrevistadas com uma média de idade de 18 anos, variando dos 15 aos 25 anos. Essas jovens se encontram em formação do ensino médio à graduação e fazem parte de quatro das cinco regiões do país (Nordeste, Sudeste, Centro-oeste e Sul). Apesar de terem sido identificados coletivos da região Norte, quando entramos em contato fomos informadas de que eles não estavam mais ativos.

A seguir o Quadro 1 consta as cidades, estados e regiões dos coletivos feministas com os quais foram realizadas entrevistas:

	<b>Cidade/Estado</b>	<b>Região</b>
<b>Coletivo 1</b>	Salvador/BA	Nordeste
<b>Coletivo 2</b>	Poços de Caldas/MG	Sudeste
<b>Coletivo 3</b>	Varginha/MG	Sudeste
<b>Coletivo 4</b>	Guarulhos/SP	Sudeste
<b>Coletivo 5</b>	Campinas/SP	Sudeste
<b>Coletivo 6</b>	Jataí/GO	Centro-Oeste
<b>Coletivo 7</b>	São Paulo/SP	Sudeste
<b>Coletivo 8</b>	Dois Vizinhos/PR	Sul
<b>Coletivo 9</b>	Belo Horizonte/MG	Sudeste

**Quadro 1 – Relação Coletivo, Cidade/Estado e Região. Fonte: Dados da pesquisa**

Os coletivos encontrados estão desde grandes centros urbanos às cidades interioranas, tendo sido realizadas entrevistas com organizações localizadas em três capitais, duas cidades metropolitanas e quatro interiores. Faz-se importante reforçar a necessidade de se compreender as dinâmicas e atuações dos movimentos sociais para além dos grandes centros urbanos, levando em consideração as cidades de pequeno e médio porte, lançando assim um olhar mais regionalizado. Apesar de geralmente se pensar as mobilizações sociais concentradas nos grandes centros, os interiores de cada região também mantém suas lutas e resistências, essas sendo importantes de serem consideradas nesse processo de compreender as novas formas de mobilizações. A Figura 1 localiza no mapa do Brasil onde se encontra cada coletivo entrevistado:



**Figura 1 - Mapa gerado pelo software QGIS referente às localizações dos coletivos entrevistados.**

**(Fonte: Dados da pesquisa)**

Para esta pesquisa foi utilizada a técnica de realização de entrevistas semiestruturadas para possibilitar essa captação de significados, privilegiando a perspectiva das atrizes sociais para que seja possível a compreensão de seus discursos (Fraser, 2004). Parte do processo de pesquisa por meio de entrevistas se dá pela escuta, sendo capaz de captar informações que sugerem significados, para isso é preciso abertura para observação e organização do conteúdo coletado (Yin, 2016).

O primeiro contato com os coletivos foi por meio das páginas no Instagram. Foram sugeridos três formatos para realização da entrevista (formulário, áudio ou conversa gravada), para que as entrevistadas escolhessem como se sentiam mais confortáveis. A maioria das entrevistas foram por conversa direta, as quais foram gravadas com a devida autorização. A plataforma utilizada para as conversas foi o Google Meet. Os formulários foram criados e

enviados pelo Google Forms. Aos que optaram por gravar em áudio, enviaram as respostas às perguntas por meio do aplicativo WhatsApp.

A realização das entrevistas partiu de um roteiro semiestruturado que guiou questões gerais, mas que possibilitava aberturas para novas reflexões ao longo das conversas, a fim de capturar, como propõe Yin (2016), novos significados não imaginados inicialmente pela pesquisadora.

Assim, pesquisadores de campo que fazem pesquisa qualitativa precisam sempre suspeitar da existência de algo nas entrelinhas que pode revelar os motivos, intenções, ou significados mais profundos dos participantes. Quanto mais você for capaz de ouvir esses sinais, melhor será seu trabalho de campo. (Yin, 2016; p.43)

Posteriormente, todas as entrevistas foram transcritas para que pudesse ser feita uma análise mais detalhada retomando às próprias falas das entrevistadas. Para a escrita deste trabalho, foram selecionados trechos que deram concretude às ideias mobilizadas e apareceram de forma recorrente nas entrevistas.

As falas foram analisadas por relações e padrões que sugerem motivações e intenções (Gibbs, 2009) de suas atuações, sejam falas expressas individuais ou representando o coletivo. Tanto as semelhanças quanto as diferenças são investigáveis dentro do contexto que se encontram, considerando assim os sujeitos entrevistados (Gibbs, 2009).

Sempre há muita coisa acontecendo em um texto ou em um contexto. Não apenas o conteúdo do que se está dizendo é rico e diversificado – as pessoas estão fazendo coisas que podem ser entendidas de várias formas ao mesmo tempo – como também estão indicando coisas sobre si mesmas e seu mundo com suas ações e com a forma como se expressam. (GIBBS, 2009; p.179)

Por fim, vale ressaltar que, diante das normativas institucionais, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Viçosa (CAAE23335119.7.0000.5153). Todas as entrevistas foram consentidas por autorização da pessoa maior de 18 anos ou de seu responsável quando menor de idade. Foi explicado de forma a terem conhecimento dos fins da pesquisa para que estivessem cientes do propósito do trabalho e garantindo o anonimato das entrevistadas.

Conforme já mencionado, a pesquisa foi realizada totalmente dentro do período de vivência da pandemia de covid-19, especificamente dentre os meses de agosto de 2020 a setembro de 2021. Mesmo com adaptações para sua execução, as entrevistas ao serem realizadas remotamente possibilitou entrar em contato com ativistas de diversas localidades

do país. O contato com os grupos de coletivos e a realização das conversas com as entrevistadas também foi facilitado por se tratarem de participantes que já são usuárias ativas da internet e que estavam mantendo a atuação dos coletivos em meio ao contexto pandêmico também pelos usos das redes digitais.

#### 4. ANÁLISE

Como já mencionado, este trabalho contou com experiências de mulheres jovens para pensar sobre o momento em que essas se entendem enquanto feministas, seus ativismos e a forma que atuam enquanto coletivos feministas, refletindo as motivações dessa necessidade de ação coletiva e que tipo de ação realizam em conjunto. Isso permitiu refletir sobre a dinâmica dos feminismos contemporâneos, pautados no acesso à internet, pensando os novos usos das redes digitais e possibilidades vindas a partir dela.

O auto reconhecimento enquanto feminista faz parte de um processo que passa por uma perspectiva individual e coletiva no mundo. As organizações coletivas fortalecem esse processo por criar uma solidariedade comum de luta. A internet pode ser compreendida como uma ferramenta de luta para essas ativistas que se apropriam da comunicação digital para fortalecimento das trocas discursivas e permitindo maior alcance dos campos feministas (Alvarez, 2014).

As mobilizações organizadas enquanto coletivos surgem das novas formas de ativismo social contemporâneo. É característico dessa forma de organização a amplitude das discussões de temas que consideram diferentes recortes sociais e com debates concentrados nas universidades e redes sociais (Perez e Filho, 2017). É importante entender como essas meninas e mulheres compreendem a autodenominação enquanto coletivo, o porquê de se organizarem neste formato e de se definirem como coletivos feministas. De acordo com os estudos de Olivia Perez, principal referência sobre coletivos no Brasil,

Existe um auto reconhecimento enquanto coletivo por essas organizações que têm origem recente e ligada à Universidade – local onde se encontram e desenvolvem suas atividades. Inclusive, o contato com os sujeitos ali inseridos se dá majoritariamente por meio de eventos promovidos no interior da academia e divulgados pelo meio virtual. Aliás a atuação em redes sociais virtuais é uma marca desses coletivos, que promovem debates também no meio virtual. Em geral as discussões têm como objetivo o empoderamento de sujeitos oprimidos por conta das clivagens sociais. Portanto, trata-se de um ativismo com forte presença no meio universitário que acompanha, reforça e é alimentado pelo debate acadêmico. (Perez e Filho, 2017, p.257)

As formas organizativas internas dos coletivos feministas aqui estudados e suas atuações corroboram com as análises de Perez e Filho (2017). A seguir, explicitaremos a partir de quatro dimensões a forma dessas atuações e suas relações com a internet.

#### 4.1. RECONHECIMENTO COMO FEMINISTA E AUTOCRÍTICA

A percepção da opressão de gênero faz parte de um processo de se entender no mundo, A partir desse despertar, muitas mulheres passam por um processo de questionamentos. Muitas vezes essas relações de opressão são naturalizadas e normalizadas, mas como as entrevistadas citam, esse desconforto sempre esteve presente mesmo quando não se identificava ao certo do que se tratava:

“Acredito que desde pequena nós mulheres sofremos situações em que nos sentimos desconfortáveis, mas que não sabemos nomeá-las ainda e comigo não foi diferente.” (Coletivo 6, Entrevistada 1, Jataí – GO, 28.10.2020)

“Assim, sabe quando você percebe: Ah eu sou mulher e eu passo por situações porque eu sou mulher. Acho que foi a partir disso, assim, lá no começo do ensino médio também.” (Coletivo 2, Entrevistada 5, Poços de Caldas – MG, 07.10.2020)

Através dessa experiência pessoal muitas meninas e mulheres começam a se questionar sobre estruturas sociais desiguais. São citadas diversas maneiras em que cada uma se reconheceu enquanto feminista para começar a integrar às lutas feministas e os espaços digitais ganham relevância nesses primeiros contatos. A Entrevistada 2 do Coletivo 7 relatou sua experiência de se entender e como começou a fazer buscas na internet:

“Como eu me descobri feminista foi no ensino médio principalmente em que na escola a gente começava a ter contato com mais professores homens e várias situações machistas começavam a acontecer, então as meninas começavam a conversar sobre isso e a gente ia discutindo o que tinha acontecido, tentava fazer algo a respeito e ao longo desse meu processo eu fui encontrando várias pessoas, várias páginas feministas na internet, várias mulheres feministas e me ajudou muito a construir a ideia da realidade da mulher.” (Coletivo 7, Entrevistada 2, São Paulo – SP, 19.11.2020)

Essa entrada parte de questionamentos das próprias vivências. Em muitos contextos o entendimento de “feminismo” é atrelado a uma conotação negativa, o que pode afastar muitas mulheres a buscarem mais a respeito das causas feministas.

“(…) a maior parte das pessoas, das meninas do campus elas não tem coragem de ir nesse coletivo e entender o que que a gente faz lá. Então a nossa maior luta até hoje é a de conseguir mais meninas pra estar engajadas no movimento e especialmente meninas desses cursos que são mais atingidos, porque quando a gente consegue pessoas novas pra estar com a gente, geralmente são do nosso curso também. Nunca dos cursos que tão mais atingidos e precisavam mais de gente com voz ativa e de fazer mais denúncias.” (Coletivo 8, Entrevistada 2, Dois Vizinhos - PR, 11.10.2020)

“Todo mundo passa um pouco esse medo: Eu sou feminista? Como assim?” (Coletivo 8, Entrevistada 1, Dois Vizinhos – PR, 11.10.2020)



Tornar-se feminista faz parte de um processo que pode refletir em outros âmbitos da vida pessoal. Como o trecho a seguir relata, a entrevistada começou a se entender melhor, inclusive em relação a sua sexualidade.

“E aí junto a essa descoberta, eu percebi muitas coisas que eu acreditava nem faziam tanto sentido. Então foi realmente uma explosão dentro da minha cabeça, foi onde também eu consegui até questionar a parte da minha sexualidade e foi onde eu entendi que a maneira como eu era criada, não era a maneira com que eu realmente me identificava. E a partir do momento que eu entrei no movimento feminista, eu me senti mais eu. E aí eu me senti mais, sabe, como se o conhecimento sobre essa pauta me desse poder pra me afirmar quem eu sou, porque eu sou e porque eu preciso lutar pra que outras mulheres também tenham esse momento de explosão. Então, foi assim, revolucionário. (Coletivo 3, Entrevistada 2, Varginha – MG, 16.12.2020)

Nem sempre as experiências enquanto mulher na internet são harmônicas, visto que ela também é composta por pessoas que alimentam discursos misóginos. A Entrevistada 1 do Coletivo 6 discorre sobre sua experiência enquanto *gamer* nestes espaços. Em contrapartida ela também encontrou grupos de trocas entre outras mulheres que também jogam. Isso mostra a necessidade de união com outras para fortalecimento. O reconhecimento com o outro abre espaço para discussão e mobilização conjunta.

“Sempre fui alguém que jogava muito online e, infelizmente, a realidade para meninas no meio “gamer” não é muito convidativa, contudo, acabei encontrando mulheres que passavam pelas mesmas coisas que eu no mesmo meio, através, principalmente, de grupos no Facebook, e desde então essas uniões sempre foram muito importantes para mim. Com o passar dos anos, e principalmente agora, a internet tem sido um forte veículo de comunicação, que atinge muitas camadas da sociedade, até mesmo pela facilidade de compartilhamento de mensagens, como o Whatsapp, Twitter e Instagram. Então sim, a internet foi fundamental para que houvesse o despertar de que você não está sozinha, que você não está maluca, que você faz parte de um sistema que permite que isso aconteça e que existe todo um movimento de luta contra essa realidade enfrentada pelas mulheres.” (Coletivo 6, Entrevistada 1, Jataí – GO, 28.10.2020)

Ao relatarem sobre seus processos pessoais de descoberta enquanto feministas, muitas entrevistadas demonstraram uma autocrítica em relação aos seus pensamentos de quando se inseriram no movimento, hoje identificados como sendo um “feminismo liberal”. Percebe-se como essa entrada em uma perspectiva liberal tem muita relação com as pautas individualistas que tinham. Nesse sentido, chama atenção também nos relatos citações sobre celebridades declaradas feministas, além das autoras e produções teóricas. Isso mostra esse feminismo que se populariza junto do uso das novas tecnologias (Alvarez, 2014; Sarmiento, 2021).

“Meu contato com feminismo foi aquele bem comum, de tipo, de meninas brancas, que é o feminismo liberal, tipo, começar com essa consciência de, ai, meu corpo, minhas regras, não sei o que. E eu lembro que na época eu tinha uma professora que é, ela é até bem influente, não sei se vocês conhecem um canal que chama Mundo

Segundo Ana Roxo, ele é bem conhecidinho. E daí, no caso, a Maria<sup>4</sup>, que era a minha professora, era esposa da Ana. E aí ela é uma mulher lésbica né, e ela tinha muito aprofundamento no feminismo radical. Então, ela foi fundamental pra que eu sáísse desse panorama individual pra pensar no feminismo que chega em todas as mulheres. Então, eu lembro, tipo, de várias patadas que eu recebia de tipo, a gente precisa de creche, pra que as mulheres consigam se estabelecer com a vida dela e não que você compre blusinha escrito ‘GirlPower’ que foi feita por mulheres em condição de semi escravidão. E aí eu lembro que eu tomei tipo, vários tapão na cara desse e foi principalmente no terceiro ano, que aí eu comecei a tipo, ir pra outras leituras. Eu lembro que na época eu lia, tipo, bastante sobre aquelas coisas de, não tipo blogueira, mas tipo, de estudantes, assim, adolescentes que tão começando e é bem esse negócio de tipo, empoderamento, não empoderamento da Joice Berth, um empoderamento tipo, se empodere e aí eu saí pra essa literatura da Simone, da Angela Davis, tipo, uma coisa que tem mais a ver com o pensamento que eu tava lapidando. E daí quando eu cheguei na faculdade, eu já estava mais ou menos nesse caminho, mas ainda assim, tipo, hoje me observando no início do ano passado, eu percebo que eu ainda sentia comportamentos que hoje eu olho e falaria, nossa, pelo amor de Deus que que isso, sabe? Então eu acho que realmente que ter contato com outras mulheres, tipo, que hoje são minhas amigas, tanto mais velhas, de luta feminista ou mais velhas de, tipo, de graduação, foi fundamental pra que eu olhasse e falasse, nossa, acho que não é bem por aqui e fosse pra outras literaturas.” (Coletivo 5, Entrevistada 1, Campinas – SP, 24.10.2020)

“E aí como a (cita outra integrante) falou, eu tive a princípio essa concepção do feminismo individual, o feminismo que, né, servia pra mim, de tipo eu brigar com meu pai se eu queria andar de short curto, porque era o meu corpo e eu fazia o que eu quisesse. E aí também acho que foi já no meu terceiro ano de ensino médio que eu comecei a evoluir um pouco mais e quando eu entrei na faculdade,” (Coletivo 5, Entrevistada 5, Campinas – SP, 24.10.2020)

Através da forma que as entrevistadas falam sobre suas trajetórias enquanto feministas, que começaram com pensamentos liberais e passam para buscas mais profundas, demonstra um processo de amadurecimento e transformação. É por meio dessa construção crítica que surgem esses novos sujeitos que aderem a agenda feminista, são jovens e sua principal característica está ligada ao fácil acesso às tecnologias digitais (Martinez, 2019). Por meio dessa crítica criam-se novas estratégias para além de um feminismo individual, mas sim em busca de abarcar pautas sistêmicas. Uma nova consciência feminista surge desses novos usos (Martinez, 2019).

“Eu também comecei bastante nesse feminismo, bem assim, individualista, empoderador, bem o que a internet manda pra gente, assim, então, tipo, não era nada muito profundo, e com certeza não era algo que abarcava muitas realidades diferentes.” (Coletivo 5, Entrevistada 7, Campinas – SP, 24.10.2020)

“(…) o meu primeiro contato foi o feminismo liberal. Vocês falaram da Marcha das Vadias, eu me envergonho de dizer que quando a Marcha das Vadias aconteceram eu achei algo incrível.” (Coletivo 5, Entrevistada 8, Campinas – SP, 24.10.2020)

Essa crítica a um feminismo individualista começa a fazer sentido para essas ativistas a partir do momento em que passam a se entenderem enquanto unidade coletiva. Perez e Filho

---

<sup>4</sup> Nome fictício.

(2017) apontam sobre o contexto de surgimento das organizações de coletivos ligadas ao avanço neoliberal em que os movimentos sociais passam a serem compreendidos também a partir de seus laços de solidariedade, os quais são essenciais para que os novos formatos de mobilizações sociais passem a se organizar de forma mais autônoma, não dependente das estruturas neoliberais com ideais voltados ao mercado. Assim, as entrevistas mostram como o processo de coletivização colabora para o pensamento crítico constante.

## 4.2. MOMENTO FUNDACIONAL

Por meio da análise das entrevistas realizadas com integrantes dos coletivos feministas estudantis foram percebidas semelhanças em suas organizações. Nos relatos sobre as motivações para a criação dos coletivos, elas citam de forma recorrente episódios de assédios e outras violências no ambiente estudantil como impulsionadores para essa formação. Esse marcador pautado no assédio fez com que as estudantes sentissem necessidade de mobilização nestes espaços. A partir da percepção da ocorrência dessas violências, elas decidem se mobilizar de forma organizada, a partir da criação de um coletivo feminista.

Segundo as entrevistadas, esse processo da criação do coletivo ocorreu de maneira orgânica, ao perceberem que não havia ambientes que pautassem essas demandas. Se organizarem enquanto coletivo é resultado da forma que essas jovens lidam com o ativismo dentro das escolas e universidades. O trecho a seguir relata sobre esse momento de compreensão da necessidade de se organizarem:

“(...) e aí a gente se reuniu e viu que não tinha nenhum coletivo no campus se a gente sofria muito, por ser uma cidade pequena, a gente ser universitárias, a gente ainda tá num curso de exatas, a gente já sofria bastante preconceito e aí a gente pensou, mano, a gente não tem um coletivo feminista aqui, a gente tem que fazer várias ações, rola assédios, rola preconceito do curso, tem curso de exatas que tem professores machistas.” (Coletivo 8, Entrevistada 1, Dois Vizinhos - PR, 11.10.2020)

Percebe-se que a formação da organização vem de uma necessidade, seja de se protegerem, se apoiarem ou debaterem. Elas buscam formar um espaço seguro de luta, em que compartilham experiências e sugerem ações para problemas que enfrentam em comum nestes espaços de ensino. Muitas vezes o próprio aprendizado estudantil dessas jovens é prejudicado por essa estrutura que não as protegem. Essa organização através de coletivos trás uma nova dinâmica para o fortalecimento dessas mulheres, por meio das trocas que constroem juntas por dividirem este espaço em comum com enfrentamentos constantes (como os casos de

assédio), mas também pelas diferenças de identidades e realidades que cada uma possui (Rios e Maciel, 2018). Segundo essas estudantes, a existência do coletivo interfere nas dinâmicas de como passam a lidar com essas situações, justamente por haver um sentimento de troca compartilhada, em que se apoiam (Perez e Filho, 2017).

“Eu acho que coletivo é realmente você reunir pessoas que estão com os mesmo ideais em busca de uma luta comum né. Igual nós estamos ali dentro do campus, especialmente em questão de assédio e posicionamento das mulheres né. Eu acho que o coletivo é a busca por essas mulheres que estão todas sobre as mesmas condições, sobre os mesmos fardos né, em busca de lutar contra isso.” **(Coletivo 8, Entrevistada 2, Dois Vizinhos - PR, 11.10.2020)**

Por falas de identificação como essa, entende-se que os coletivos também possuem um caráter acolhedor de união de enfrentamentos. O reconhecimento mútuo enquanto pessoas que compartilham um ambiente em comum com enfrentamentos similares quanto ao gênero cria uma certa ligação entre elas. Um fator pra essa aproximação dentro de uma organização social está também na característica da horizontalidade presente nos coletivos, o que contribui para um entendimento de igualdade nas trocas, formando laços de solidariedade entre si (Perez e Filho, 2017).

Os espaços estudantis são marcados por ataques de gênero que interferem nas possibilidades de interações e de formação dessas estudantes, o que pode atrapalhar a permanência e o aproveitamento do ensino, como exemplo, o aprendizado das aulas, no que o relato a seguir evidencia ao contar sobre denúncias que recebem:

“(...) a gente já recebeu assim denúncia das meninas dos cursos de agrárias, os professores vão com elas pro campo né, pras fazendas experimentais e chega lá os professores falam assim: Ah, você, você e você limpam enquanto o resto da sala assiste aula. E coincidentemente todas as vezes esse você, você, você são mulheres e elas são privadas de assistir a aula porque você tem que limpar lá o que tá acontecendo. A gente tem denúncia também de professor que fala sobre castração em animais e compara com mulheres.” **(Coletivo 8, Entrevistada 2, Dois Vizinhos PR, 11.10.2020)**

Cerna (2020), ao analisar o contexto mexicano de atuação dos ativismos feministas jovens nas universidades, relata semelhanças com o que se observa nas instituições de ensino no Brasil. O surgimento da organização coletiva de jovens mulheres estudantes universitárias segue um mesmo padrão que aparece nas entrevistas dos coletivos estudantis brasileiros. Coletivos que surgem através de grupos de estudos, a percepção das desigualdades de gênero no espaço estudantil e abusos e violências sexuais, tendo também o surgimento pela necessidade de coletivização de forma organizada como consequência da violência institucionalizada nos centros de estudos (Cerna, 2020). Percebe-se em ambos os casos a

emergência dos ativismos feministas em meio a um ambiente que negligencia muitas vezes questões que afetam a permanência das estudantes. Cerna (2020) relata sobre a busca de uma transformação institucional por políticas de igualdade de gênero que perpassam a atuação dessas universitárias no México.

Quanto ao surgimento das organizações, a maioria dos coletivos entrevistados parte de grupos de estudos. Havia necessidade de entendimento sobre questões de gênero e dos feminismos para que pudessem se entender enquanto mulheres naquele espaço. Essa base de estudos é reforçada por debates acadêmicos, o que também é característico dessa movimentação contemporânea dos coletivos (Perez e Filho, 2017). A Entrevistada 5 do Coletivo 5 relata esse processo:

“(…) a gente foi crescendo e sentindo uma necessidade de desvincular, de ser somente um grupo de estudos pra realmente ser um coletivo e abarcar outras situações que muitas vezes acabam acontecendo de desamparo de mulheres dentro da (cita a instituição), alguns casos que a gente ficava sabendo e não nunca ia em nada né. A gente queria tá ali presente pra todas as mulheres, não só pra estudar, mas a gente continua estudando, mas pra outras ocasiões também que um grupo de estudos não abarcaria, não daria conta se a gente só ficasse ali vinculada à relações internacionais e somente à estudar.” (Coletivo 5, Entrevistada 5, Campinas - SP, 24.10.2020)

No decorrer dos encontros, as mulheres também foram percebendo a necessidade de uma forma de organização que trouxesse outras possibilidades de atuação política e que fizesse mais sentido de acordo com o que estavam construindo.

“Mas a gente optou pelo nome de coletivo, porque eu acho que ele representa mais a sororidade feminina. Às vezes quando a gente fala grupo de estudos, a mulher não vai se sentir confortável pra ir lá e falar, por exemplo, uma situação de abuso que ela passa em casa, uma situação de assédio que ocorreu na escola. Quando a gente fala, ah, eu estou em uma instituição, onde existe um coletivo feminista, parece que a gente abraça as mulheres, sabe? Eu senti que o termo coletivo poderia representar mais a nossa ideia, porque em primeiro lugar a gente queria acolher as mulheres pra depois, sim, passar pra uma questão de estudos, e não o caminho contrário, sabe? (...) E a gente percebeu que tava faltando dentro da nossa instituição trazer isso de forma mais séria, de forma mais estruturada, algo mais sólido, pra que as meninas, realmente, por mulheres e para mulheres. E foi aí que a gente teve a ideia de dar um nome pro nosso coletivo, de se organizar, de fazer um grupo no WhatsApp e de restaurar a formalidade que tava faltando. E a gente falou, não, dessa vez a gente vai engatar a marcha e vai realmente conseguir que as meninas se sintam representadas, a conseguir fazer reuniões, pra conseguir elaborar projetos pra dar certo.” (Coletivo 3, Entrevistada 2, Varginha - MG, 16.12.2020)

Em algumas falas as participantes relataram sobre terem sido questionadas, por membros do corpo de gestão das universidades e escolas, quanto a nomeação da organização enquanto um “coletivo feminista”, pois carregaria uma perspectiva marcada pelo caráter político deste tipo de organização. Para elas, o questionamento sobre o termo sugeriu uma

tentativa de amenizar o impacto político de luta organizada que essa forma de organização manifesta.

“(…) então assumir esse nome, coletivo, frente, é você assumir um patamar de responsabilidade política e assim, traz outro nível, traz, e é o que a gente quer. A gente não queria meramente um grupo de estudos.” (Coletivo 5, Entrevistada 2, Campinas - SP, 24.10.2020)

“Sem contar que coletivo é um nome político né, um nome politizado, então tem coletivos no país inteiro e de repente você vai na (cita outra universidade) ou na (cita outra universidade) ou em qualquer outra universidade e tem lá, coletivo feminista de não sei quem e aí você chega na (cita a instituição) que é uma universidade privada que tinha essa falta de representatividade, de estudo, de reconhecimento dessa problemática e aí tem um grupo de estudantes que estudam problemas de gênero, sabe, não faz o menor sentido pra gente. (...) todo mundo sabia quem a gente era quando a gente falava coletivo. Então além de perder um peso político se a gente mudasse o nome, a gente também perderia essa identificação das pessoas da (cita a instituição) que conheciam a gente. (...) era um fenômeno totalmente generalizado que a gente não tinha muito controle sobre isso, então se as pessoas que a gente queria atingir chamavam a gente de coletivo, nada mais justo do que todo mundo chamar a gente de coletivo.” (Coletivo 5 Entrevistada 7, Campinas - SP, 24.10.2020)

Utilizar o nome “coletivo” passa a ser então uma autoafirmação política. Como Perez e Filho (2017, p.260) sustentam “os assim autointitulados coletivos são um fenômeno que emerge no contexto das mobilizações de contestação ao neoliberalismo e de afirmação das diferenças culturais e das identidades”, o que mostra que a terminologia em si importa para o tipo de atuação política que se dispõe.

### 4.3. ATUAÇÃO DOS COLETIVOS

A criação dos coletivos nestes espaços surge com propostas na tentativa de reduzir ataques de gênero enfrentados nas escolas e universidades. Dentre elas estão reivindicações contra assédio, busca por respeito, formação de canal de denúncia, rede de afeto, trocas de saberes e experiências, estudos a partir de leituras direcionadas para ancorar os debates feministas que sustentam o campo discursivo (Alvarez, 2014), para que discutam pautas, teorias e planejamentos de organizações.

“(…) a gente atua em várias coisas, desde rede de apoio a canal de denúncia, a fazer outras ações também, a gente atua em tudo junto e eu acho que é por isso que a gente se considera um coletivo né. Que a gente apoia e age junto.” (Coletivo 2 Entrevistada 2, Poços de Caldas - MG, 07.10.2020)

A seguir, a entrevistada 2 relata sobre alguns objetivos com a formação do coletivo:

“A nossa pretensão inicial com o coletivo era de ser uma ouvidoria, ser um grupo de

acolhimento, porque a gente sabe que muitas vezes as meninas não têm coragem de fazer a denúncia diretamente pra faculdade né. Mas como a gente acabou, não é sempre que acontece né, então a gente também fazia estudos, a gente se reunia pra debater algumas pautas, especialmente pra livrar um pouco assim as meninas desse estigma porque tem muitas meninas no campus que tem um estigma de que o feminismo é uma coisa horrível, é um bicho de sete cabeças. (...) a nossa intenção era que o coletivo crescesse ao ponto de que a gente fizesse essa rotatividade de diretoria né, esse grupo sempre mudasse.” (Coletivo 8, Entrevistada 2, Dois Vizinhos - PR, 11.10.2020)

Percebe-se nas novas gerações uma tentativa de não negligenciar pautas, assim buscam se organizar de forma a ampliarem o alcance das discussões dos campos feministas, gerando tensões, ao levarem em consideração diferentes desigualdades para o debate coletivo tornar-se interseccional, atravessando a pluralidade dos feminismos (Rios e Maciel, 2018; Alvarez, 2014).

Dentre alguns temas citados pelas entrevistadas para atuação e discussão estão: conceitos básicos do feminismo, demanda de creches, divisão sexual do trabalho, feminização da pobreza, herança escravocrata brasileira no trabalho doméstico, indústria pornográfica, maternidade compulsória, mulheres na ciência, prostituição e vertentes feministas. Percebe-se que essas jovens ao mesmo tempo em que trazem novos debates e novas demandas, também continuam lutando e discutindo pautas historicamente inseridas nos debates feministas das gerações anteriores.

Alvarez (2014) compreende que em diferentes momentos atrizes e temas podem ganhar mais destaque nos debates feministas, pois juntamente com as novas gerações se constroem novos códigos culturais. Esse processo de pluralização que os feminismos contemporâneos vêm se transformando é uma característica vinda dessa longa construção dos campos feministas que compreendem a necessidade de dar voz a diferentes atrizes buscando manter o debate de forma mais horizontal. O diálogo deve ser constante, criando pontes entre o anterior e o atual, problemas que se atualizam e que precisam de um combate atualizado também. O fato destes temas debatidos e de muitas leituras teórico-feministas históricas se manterem demonstra como os campos feministas necessitam de diálogos intergeracionais para uma luta conjunta.

A existência de um coletivo no ambiente estudantil também tem efeito de conscientização e acolhimento naquele espaço, em uma tentativa de reivindicações políticas das lutas feministas, de um questionamento às situações que afetam diretamente a rotina dessas mulheres e de fortalecimento da causa pela relação que as participantes desenvolvem, inclusive sentindo-se mais seguras naquele espaço. Essa afetividade é característica dessa

forma de luta, visto que os laços de solidariedade fortalecem a organização pelo reconhecimento e formação das identidades (Perez e Filho, 2017). A Entrevistada 1 do Coletivo 6 relata sobre os objetivos que o coletivo pretende avançar nesse sentido:

“Nosso objetivo é a realização de ações que fortaleçam a nossa luta, como reuniões internas e externas, a criação de um espaço de acolhimento, o enfrentamento de políticas e projetos de sociedade que relegam a mulher a imagem da qual há anos tenta se desvencilhar, o resgate do significado de um feminismo político e de sua história, entre outras coisas. (...) Apesar do Coletivo atrair pessoas que estão atreladas ao ambiente universitário, acreditamos que é necessário a popularização do conhecimento, isto é, tentamos trazer o debate feminista para além do contexto acadêmico, compreendendo que o feminismo não é exclusividade de instituições ou pessoas com escolaridades determinadas, estando o coletivo receptivo a toda comunidade.” (Coletivo 6, Entrevistada 1, Jataí - GO, 28.10.2020)

O acolhimento entre elas é citado com recorrência pelas mulheres, as quais informam que com o coletivo se sentem mais seguras por compartilharem esse espaço umas com as outras, sabendo que terão esse apoio mútuo nas adversidades daquele ambiente e também para que construam relações mais livres de julgamentos.

“É uma rede de apoio, a gente conversa muito às vezes como amiga, não só como ah estamos estudando aqui um determinado tema ou vamos fazer um determinado tipo de ação. A gente tem uma rede de afeto, principalmente por ter surgido dessa maneira contra denúncias de assédio, o nosso coletivo se importa muito com criar esses laços entre essas mulheres, não só de maneira política, mas de maneira afetiva também.” (Coletivo 2, Entrevistada 3, Poços de Caldas - MG, 07.10.2020)

“Porque são professores muito machistas, são falas machistas, fazer parte desse coletivo, pra mim, assim, fez muito bem e fez muito mal também, porque fez muito bem pelo contato que eu tinha com as meninas e por elas confiarem na gente, sabe? Eu me sentia abraçada, ao mesmo tempo que eu tava abraçando elas e tava apoiando elas também, sabe? Mas escutar todos os relatos, ler todos os relatos (...) Então, é, foi uma experiência tensa, mas uma experiência muito boa também, pra minha construção, assim, sabe?” (Coletivo 3, Entrevistada 1, Varginha - MG, 16.12.2020)

Dentre as propostas destes coletivos é bastante citado o recebimento de denúncias de outras estudantes, o que demonstra como a existência do coletivo nestes espaços estrutura uma base de confiança para elas. Outras estudantes buscam ajuda em situações que ocorrem muitas vezes dentro da própria instituição, mas que geralmente não sabem a quem recorrer e nem quais medidas tomar (ou não se tem apoio para formar uma denúncia).

“(...) o coletivo foi muito importante pra mim, por exemplo, pra eu encontrar outras meninas que tinham experiências parecidas com a minha (...) e foi muito importante até na minha, no meu pessoal, assim, de querer ficar na (cita a instituição), porque até antes do coletivo, eu não queria permanecer lá. E aí, eu comecei a entrar em contato com outras meninas, conheci a história da (cita outra integrante do coletivo), vi que a gente partilhava de muitas coisas e aí eu comecei a ver mais sentido em habitar um espaço privado, porque pra mim até então era só faculdade pública, enfim. (...) não basta que nós, alunas, acadêmicas, estejamos só conversando de igual pra igual aqui, se o feminismo não for atingir a outras pessoas. (...) se eu tô na (cita a instituição) e



essa realidade majoritariamente que integra a (cita a instituição) elitista não é a minha, e qual é o meu papel ali se eu não for falar dessas coisas? **(Coletivo 5, Entrevistada 2, Campinas - SP, 24.10.2020)**

Além disso, o afeto entre essas meninas está presente a partir do momento em que elas se colocam dispostas a escutar, acolher e ajudar umas às outras. Foram diversos relatos sobre essa construção afetuosa mútua e como esse foi um processo importante para o reconhecimento, para a consolidação da luta, para ampliar debates, sendo importante inclusive para manter-se naquele espaço. Ou seja, saber que existe um coletivo feminista, que estará aberto para acolhê-las quando precisarem sem que sejam julgadas, traz força a essas meninas, empoderando-as, fortalecidas pela união coletiva. Segue alguns relatos dessa experiência afetuosa que as ligam em suas experiências compartilhadas e suas diferenças:

“(...) eu acho que a existência do coletivo traz meio que um conforto pras meninas também, pelo menos pra mim é um conforto a mais.” **(Coletivo 2, Entrevistada 1, Poços de Caldas - MG, 07.10.2020)**

“Da uma segurança diferente da gente tá na faculdade, saber que vai ter algumas pessoas ali que vão tá pra gente independente do que acontecer e sem julgamento e disposta a ajudar no que for.” **(Coletivo 2, Entrevistada 4, Poços de Caldas - MG, 07.10.2020)**

“(...) essa ideia de coletivo abrange mais as meninas, dá mais conforto pra elas virem pra gente e falar do que que elas estão sentindo, do que elas estão passando, sabe? (...) Primeiro a gente abraçar e depois ensinar.” **(Coletivo 3, Entrevistada 1, Varginha - MG, 16.12.2020)**

Organizar-se enquanto coletivo envolve a busca de reafirmação das identidades em pensar esse espaço como lugar político.

“Na nossa faculdade no início do ano, sempre tem tipo a feira pra receber os bichos e aí tem todas as instituições e a gente queria isso, sabe? Que as pessoas chegassem e soubessem que ali tinha um coletivo e que não era uma faculdade totalmente despolitizada, que foi a faculdade que eu encontrei quando eu cheguei como bixete né.” **(Coletivo 5, Entrevistada 1, Campinas - SP, 24.10.2020)**

Como o trecho acima demonstra, a construção dos coletivos feministas estudantis pretende construir mudanças nas relações das estudantes com aquele ambiente, sendo um processo constante e alternado pelas próximas gerações que vão encontrar naquele espaço um local de resistência. A existência de uma organização como é a dos coletivos feministas reivindica um caráter politizado dentro da instituição estudantil.

#### **4.4. INTERNET E RECONFIGURAÇÃO DO CAMPO**

Ao longo das entrevistas são citadas artistas, páginas, criadoras de conteúdo online e

escritoras como inspirações neste momento de descoberta. A busca online também é outra característica geracional, em que muitas vezes essas meninas não têm a quem recorrer e buscam por meio da internet entender “do que se trata”, tentando encontrar algum apoio, seja por meio de participação de grupos ou na identificação com personalidades feministas.

“Comecei me questionar dentro de casa, a partir do momento que eu entrei na faculdade eu acho que comecei a abrir os horizontes, a mente foi se abrindo, a gente conhece pessoas diferentes também, então através, acho que as redes sociais me ajudaram muito a ir atrás né, desse conteúdo, porque a partir do momento que eu comecei a ter né, essa percepção dentro de mim, eu comecei a buscar sobre e ver que né, eu me identifico muito com isso.” (Coletivo 2, Entrevista 6, Poços de Caldas – MG, 07.10.2020)

A internet é uma porta de entrada de muitas jovens para o entendimento sobre feminismos. Apesar de suas origens masculinas, a apropriação tecnológica (Natansohn e Paz, 2019) que as feministas fazem reestruturam seus usos na internet, criando ambientes que não foram objetivados para estes usos, mas que passam a ser adaptados aos interesses dos campos feministas. A abertura que as redes digitais possibilitam para o encontro de diversos assuntos colaborou, de acordo com as entrevistadas, para que tivessem contato com conteúdos distantes de seus ambientes familiares.

“E aí a internet foi muito importante pra mim no processo, porque, como eu disse, eu não tinha muita informação assim, eu não tinha uma pessoa, uma mulher do meu lado que me falasse sobre, que me explicasse o que era, sabe? Então, se eu quisesse saber o que era, eu tinha que recorrer à internet, eu tinha que recorrer a mulheres falando na internet também, sabe? E aí, a internet eu acho que foi realmente um processo bem importante. Quando eu me descobri, quando eu descobri o que é o feminismo, quando eu me descobri ser feminista, sabe? Porque é lá que eu achava a informação que eu tava em dúvida, que eu tava precisando, porque eu não podia perguntar pra alguém presencialmente, porque não tinha quem perguntar, sabe? E aí, eu acho que é isso.” (Coletivo 3, Entrevistada 1, Varginha – MG, 16.12.2020)

O fácil acesso que a internet proporciona contribui para que jovens adentrem em debates feministas, além de ser um espaço que já faz parte do cotidiano dessas jovens, permitindo o início da formação de uma consciência feminista (Martinez, 2019).

“As redes sociais foram essenciais porque eu não conseguiria ter esse tipo de acesso a informação onde eu moro só pelo meu meio social, então pra mim foi essencial.” (Coletivo 7, Entrevistada 2, São Paulo – SP, 19.11.2020)

“(…) a internet só fortaleceu né, assim, só me deu um pouco mais de voz pra brigar.” (Coletivo 2, Entrevistada 7, Poços de Caldas - MG, 07.10.2020)

“(…) a internet facilita muito, tipo, hoje em dia a gente tem muito mais recurso pra pesquisar sozinha e aprender sozinha porque é difícil achar lugar que tenha, tipo, aqui na minha cidade não tem nenhum coletivo, não tem nada” (Coletivo 2, Entrevistada 4, Poços de Caldas - MG, 07.10.2020)

As redes sociais colaboram para agência dos coletivos e para se estabelecerem nos

espaços estudantis, visto que abrem possibilidades de atuações de forma autônoma e auxiliam para divulgações do coletivo (para que outras encontrem e conheçam), para divulgação de eventos, recebimento de denúncias, criação de posts informativos, indicações, lives que dialogam temas importantes e para mostrarem ações realizadas em conjunto.

“Eu acho que o principal da página é uma maneira de disseminar algumas informações importantes (...) o que eu penso da página é mais isso, disseminação de informações.” **(Coletivo 2, entrevistada 1, Poços de Caldas - MG, 07.10.2020)**

“Toda vez, todo primeiro encontro que a gente fazia e a gente perguntava de onde tavam vindo aquelas meninas a maior parte delas respondia que tinha procurado a gente, é, já sabia que na faculdade tinha um coletivo e aí foi pesquisar e saber onde que tá, onde que era, quem era, a maior parte encontrou pelo Instagram de alguma maneira. Inclusive eu quando eu entrei na (cita a instituição) eu conheci o coletivo através da página do Instragram.” **(Coletivo 2, Entrevistada 3, Poços de Caldas - MG, 07.10.2020)**

Dentre os objetivos da criação de um perfil do coletivo em redes sociais está exatamente a promoção para que outras mulheres também conheçam. Há uma busca em integrar outras, mantendo o movimento horizontalizado e rotativo (Perez e Filho, 2017).

“A página foi fundada em março e foi uma das primeiras coisas a serem fundadas porque a gente queria que as pessoas nos conhecessem e a melhor forma de fazer com que nos conhecessem era pela página no Instagram.” **(Coletivo 1, Entrevistada 1, Salvador - BA, 08.10.2020)**

O Instragram passa a ser um *locus* a ser apropriado (Ferreira, 2015) com potencial de se articular como ferramenta do coletivo, que utiliza de sua tecnologia para atrair um público. A utilização das redes sociais possibilita ampliar a participação dessas jovens (Martinez, 2019).

“Mas foi fundamental o Instragram principalmente foi fundamental nesse processo pras pessoas nos conhecerem e também dentro do nosso coletivo a gente faz um estudo teórico, não é só de ações práticas, a gente faz todo um estudo teórico do movimento feminista, dos movimentos feministas e pra ser membro basta falar com a gente pelo Instragram, então todo mundo que tá no coletivo hoje foi pelo Instragram que nos conheceram, pelas nossas postagens, pelas nossas lives e se encantaram e entraram por conta disso.” **(Coletivo 1, Entrevistada 1, Salvador - BA, 08.10.2020)**

“O instragram do coletivo ele já existe a muito tempo antes da gente ter acesso a ele, tanto que lá no início das publicações são só tipo fotos de algumas atividades, dos encontros. Foi mais nesse ano mesmo, no começo do ano que a gente começou a pensar em usar ele né, como essa ferramenta de disseminação de informação, de divulgação de cursos, eventos, que é o que que a (cita outra integrante) tá mais fazendo agora. Mas também acho que é pra mostrar que não precisa ser tão complicado, a gente tá sempre compartilhando indicação de filme, de livro, de série, de música e acho que é pra mostrar mesmo que tá aí, em todos os lugares, é só dar uma olhadinha.” **(Coletivo 2, Entrevistada 5, Poços de Caldas - MG, 07.10.2020)**

Dentre os objetivos dos coletivos com o uso da internet, está a disseminação de

conteúdos e compartilhamento de informação. Além disso, buscam descomplicar o acesso aos conteúdos relativos aos feminismos. A utilização das redes sociais digitais é uma ferramenta estratégica fundamental para conseguir maior visibilidade e atuação para circulação de conteúdos (Rios e Maciel, 2018).

“E sobre os nossos conteúdos acho que o nosso maior objetivo é realmente trazer a informação, sabe? Que isso vire uma pauta. **(Coletivo 5, Entrevistada 1, Campinas - SP, 24.10.2020)**

“(...) tendo o Instagram lá que a gente pode né, simplificar igual a (cita outra integrante) falou, coisas que foram tratadas na reunião, disponibilizar materiais, indicações pra elas né, estudarem por si próprias e divulgar também, agora a gente tá começando a divulgar também pequenas empresárias lá de Poços, então como fortalecimento nesse sentido e pra mim pessoalmente o Instagram já serviu como um apoio assim, porque quando eu fui entrar na faculdade por ser uma faculdade né com fama de conservadora eu fiquei meu deus, então a primeira coisa que eu fiz foi será que tem um coletivo lá e aí na hora que eu achei já iluminou assim, então é importante por isso assim.” **(Coletivo 2, Entrevistada 2, Poços de Caldas - MG, 07.10.2020)**

A reconfiguração dos campos feministas faz parte de um processo coletivo que vincula os caminhos históricos dos feminismos até as novas formas de atuação, interligando gerações com suas lutas e conquistas (Alvarez, 2014). Para entender as mobilizações contemporâneas, é necessário considerar esse percurso histórico político e também analisar as formas de atuação das ativistas feministas jovens, as quais são muito marcadas pelos seus usos da internet.

O espaço online é constantemente re-criado, o que possibilita adaptações aos interesses de cada grupo que se insere. O objetivo de inserir o movimento no ambiente digital é, além de aproximar o debate, ter certa autonomia adaptando os usos de ferramentas digitais para os objetivos feministas (Natansohn e Paz, 2019). Mesmo que atravessadas por desigualdades, as interações online trazem questões importantes para pensar os feminismos atuais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se voltou à compreensão entre a atuação em coletivo de jovens feministas brasileiras e o uso da internet. Como foi apresentado no texto, foram realizadas entrevistas com nove coletivos de quatro regiões do país, a fim de perceber semelhanças e diferenças, disponíveis nas falas das 30 mulheres participantes da pesquisa.

Apesar de toda violência encontrada nas redes digitais, é importante reconhecer as possibilidades que elas trouxeram para amplificar vozes silenciadas. Hoje é emergente a necessidade de debruçar-se nesse ambiente online para gerar debate e difusão de informação. A realização desta pesquisa sugere que as possibilidades de usos e apropriações digitais auxiliam no processo de descoberta feminista pessoal e que também pode contribuir para uma construção de forma coletiva devido à interação que as redes sociais permitem. Apesar deste espaço não estar livre de ataques e propagações machistas e misóginas, existe a possibilidade de uma autonomia em suas interações, visto a liberdade de criação que as plataformas digitais oferecem. Elas potencializam os diálogos e trazem novas possibilidades de formas de mobilização na sociedade civil, mesclando a atuação online em redes sociais e as formas mais tradicionais presentes no offline.

No que diz respeito as descobertas enquanto feministas, a maior parte das jovens tiveram seus primeiros contatos com o campo pela internet e as que não iniciaram pela internet tem sua trajetória atravessada por este ambiente. Além disso, outras mídias também foram citadas na contribuição de motivos que fizeram com que despertassem para a causa, e sempre aparecia a influencia de personalidades famosas no processo de conhecer e se inserir em causas feministas, assim como leituras que passam a se popularizar atualmente. O uso da internet neste processo é dado como facilitador, o qual abre espaços para debates, amplia o alcance e possibilita utilizar de ferramentas para divulgação, reunião e buscas (como o caso de meninas que conhecem os coletivos pelas redes sociais).

O acolhimento que esses coletivos vêm exercendo tem impactado a permanência desses sujeitos nos ambientes estudantis. As reivindicações passam de ser de interesses pessoais para interesses coletivos, em que buscam ter o máximo de vozes conjuntas, compartilhando de forma interseccionada as lutas. A formação de amizades, a confiança em estabelecerem apoio com a criação de canal de denúncia, as trocas discursivas e os grupos de estudos mobilizam e potencializam as atuações dessas novas ativistas.

Para estudos futuros cabe aprofundar sobre os usos das redes sociais, interligando diferentes mídias e pensando seus possíveis usos diversificados. Além disso, cabe pensar outros aspectos focando nos produtos produzidos por essas ativistas e a força desse alcance. Após realização desse trabalho, pretendemos dar continuidade acerca de estudos que envolvem os campos feministas contemporâneos, adentrando o mundo das redes sociais e relações com outras produções latino-americanas e de combate aos ataques que as democracias têm sofrido com o avanço neoliberal.

## 6. REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **cadernos pagu**, n. 43, p. 13-56, 2014.

BIROLI, Flávia. Reação conservadora, democracia e conhecimento. **Revista de Antropologia**, [S.L.], v. 61, n. 1, p. 83, 27 abr. 2018a. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2018.145515>.

BIROLI, Flávia. Feminismos e atuação política. In: BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no brasil**. São Paulo: Boitempo, p. 171-204. 2018b.

CERNA, Daniela Cerva. Activismo feminista en las universidades mexicanas: la impronta política de las colectivas de estudiantes ante la violencia contra las mujeres. **Rev. educ. sup**, Ciudad de México , v. 49, n. 194, p. 137-157, jun. 2020.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. **cadernos pagu**, n. 44, p. 199-228, 2015.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 14, p. 139-152, 2004.

GAGO, Verónica. A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo. Editora Elefante, 2020.

GIBBS, Graham. **Análise de Dados Qualitativos**. São Paulo: Artmed, 2009.

MACEDO *et al.* **Um rigor outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa**. Salvador: Edufba, 2009.

MARTINEZ, Fabiana. Feminismos em movimento no ciberespaço. **cadernos pagu**, n. 56, p. 1-34, 2019.

NATANSOHN, Graciela; PAZ, Mônica. Ciberfeminismos contemporâneos, entre usos y apropiaciones. **cadernos pagu**, n. 56, 2019.

PANKE, Luciana; LIMA, Alice. Instagram e a desqualificação do feminino nas eleições

presidenciais brasileiras em 2014. **Revista Observatório**, v. 3, n. 1, p. 84-104, 2017.

PEREZ, Olívia C.; SILVA FILHO, Alberto LA. Coletivos: um balanço da literatura sobre as novas formas de mobilização da sociedade civil. **Latitude**, v. 11, n. 1, 2017.

PINTO, Pâmela Araujo. Marketing social e digital do Ministério da Saúde no Instagram: estudo de caso sobre aleitamento materno. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 13, n. 4, 2019.

RIOS, Flavia; MACIEL, Regimeire. FEMINISMO NEGRO BRASILEIRO EM TRÊS TEMPOS: Mulheres Negras, Negras Jovens Feministas e Feministas Interseccionais. 2018.

SARMENTO, Rayza. Ativismo Feminista Online: mapeando eixos de atuação. **Revista Sul Americana de Ciência Política**, v. 7, n. 1, p. 19–37, 2021.

SAVOLAINEN, Laura; UITERMARK, Justus; BOY, John D. Filtering feminisms: Emergent feminist visibilities on Instagram. **new media & society**, p. 1-23, 2020.

SEVERO, Ricardo Gonçalves; GONÇALVES, Suzane da Rocha Vieira; ESTRADA, Rodrigo Duque. A Rede de Difusão do Movimento Escola Sem Partido no Facebook e Instagram: conservadorismo e reacionarismo na conjuntura brasileira. **Educação & Realidade**, v. 44, n. 3, 2019.

VELOSO, Cyrana B. “Se ser livre é ser vadia, somos todas vadias?” A Marcha das Vadias e os movimentos feministas brasileiros. **Debate, Belo Horizonte**, v. 8, n. 5, p. 33-41, 2016. **7**.

YIN, Robert K.. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. São Paulo: Penso, 2016.